

Discursos Vários Poéticos é um livro exigente. Alguns dos textos mais interventivos, naquele sentido a que inicialmente nos referimos, estão numa secção que poderia ter sido intitulada «Estudos Portugueses», parafraseando Esther de Lemos. São verdadeiras chamadas de atenção quanto aos caminhos mais recentes (os desvios mais recentes) que a nossa contemporaneidade tem percorrido. Por ocasião de entregas de prémios (em especial os Prémios D. Dinis) ou comunicações em congressos, Graça Moura dirige as contribuições que autores como Aguiar e Silva ou Eduardo Lourenço, Frederico Lourenço ou Manuel António Pina deram a Portugal. Entendimento da literatura como construção de uma identidade, retenhamos o que, num desses momentos, escreve sobre o mestre em Camões, Vítor Aguiar e Silva: «Tudo isto, claro está [refere-se o autor aos agudíssimos ensaios reunidos em *A Lira Dourada e a Tuba Canora*, 2009] concomitantemente com outros textos que só ele poderá escrever [contribuem] para um conhecimento e uma interpretação verdadeiramente modernos da obra de Camões e da sua relevância para os portugueses, [envolvendo] toda uma complexa teia multipolar em torno de quem fomos, de quem pensamos hoje que fomos, de quem somos e de quem pensamos que somos, na história de Portugal, na consciência colectiva e na subjectividade portuguesa» (p. 266).

Esta edição faz-nos compreender melhor quem é Vasco Graça Moura e qual o projeto de cultura que o animou ao longo de cerca de cinquenta anos de atividade literária e cultural. Os últimos artigos — respostas a inquéritos, comunicações a propósito de galardões internacionais recebidos — refletem a visão do mundo do poeta de *A Sombra das Figuras*. E é como poeta que Vasco Graça Moura escreve. A ductilidade do seu estilo, a sageza das observações sobre a linguagem literária e, simultaneamente, a extensão e profundidade dos seus conhecimentos, recolhidos numa vasta experiência de homem político e homem de cultura, tudo isso acaba por se poder sintetizar transcrevendo o que o próprio escreveu sobre poesia na cerimónia da entrega da Coroa de Ouro do Festival de Poesia de Struga, em 2004. Nessa intervenção estará, porventura, o seu poliédrico retrato. Um retrato a que memória e tempo dão um justo contorno:

Very early in my life I noticed that poetry corresponds to my verbal way of being in the world. [...] Cultural creation has always developed a peculiar appetite for importing and exporting forms, because it always felt that contemporary artistic and literary forms could allow us to achieve a certain conciliation between Memory and Time. (p. 531)

António Carlos Cortez

* Vasco Graça Moura, *Discursos Vários Poéticos*, Lisboa, Verbo, 2013.

NOVOS DADOS SOBRE A LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA

Os estudos sobre a lírica medieval galego-portuguesa têm conhecido nas últimas décadas um desenvolvimento considerável. Para além do aumento significativo de trabalhos dos mais diversos tipos, de estudos a edições críticas, monográficas ou gerais, sem esquecer as duas bases de dados atualmente disponibilizadas na Internet¹, temos assistido igualmente ao alargamento geográfico desta rede de interesse e investigação, rede cujos polos mais ativos, desde sempre sediados nos três países com mais forte tradição filológica nesta matéria, Portugal, a Galiza e Itália, se têm vindo a alargar a diversos outros países, com destaque especial para o Brasil. Dos contributos recentes dos investigadores brasileiros, e porque nem sempre têm a justa divulgação que merecem, aproveito para destacar desde já a excelente série de traduções de textos fundamentais da filologia portuguesa, a partir dos originais alemães de difícil acesso (e de difícil leitura para a generalidade dos investigadores), como é o caso dos estudos clássicos de Oskar Nobiling², de Henri Lang³, ou ainda das muito citadas mas, até recentemente, pouco lidas *Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*, de D. Carolina Michaëlis⁴, traduções estas em boa hora levadas a cabo e criteriosamente publicadas sob a coordenação da Professora Yara Frateschi Vieira. Deste interesse dos medievalistas brasileiros pela lírica galego-portuguesa e da disponibilidade editorial das suas universidades é também fruto o importante trabalho do professor e investigador galego José António Souto Cabo, agora publicado pela Universidade Federal Fluminense e intitulado *Os Cavaleiros Que Fizeram as Cantigas. Aproximação às Origens Socioculturais da Lírica Galego-Portuguesa**.

Centrado fundamentalmente no período inicial da lírica galego-portuguesa, o mais obscuro, mas também, decerto, o mais aliciante, nele Souto Cabo nos dá conta dos resultados da sua vasta e minuciosa investigação, realizada nos mais diversos fundos documentais galegos, e relativa à identificação e contextualização biográfica dos trovadores mais antigos que comparecem nos manuscritos, investigação de que resulta um número impressionante de novos dados, agora tornados públicos. Propor uma leitura integrada destes mesmos dados, com vista a um novo entendimento das origens do canto trovadoresco no Noroeste peninsular, é, assumidamente, o objetivo final deste trabalho. Em termos globais, trata-se, sem qualquer dúvida, de um relevante contributo para o avanço do nosso conhecimento sobre esse importante grupo de autores, cujo papel no estabelecimento e desenvolvimento inicial da lírica trovadoresca em galego-português é incontestável. A moderada e saudável dose de polémica que acompanha a interpretação dos dados é mais um elemento suscetível de animar a pesquisa e o debate futuros.

Na verdade, desde Carolina Michaëlis, pelo menos, que uma das tarefas mais importantes mas também mais complexas no que toca à poesia trovadoresca tem sido a de identificar minimamente os seus autores, tanto aqueles cuja obra conhecemos como aqueles que, em virtude das lacunas dos manuscritos, em especial as lacunas iniciais, compõem apenas na longa lista de nomes elaborada por Angelo Colocci, a conhecida *Tavola Colocciana*. Atendendo às dificuldades da tarefa, mais notável se torna o trabalho de D. Carolina nesta matéria, trabalho do qual resultaram os numerosos e, ainda hoje, valiosos dados biográficos que expõe no volume II do *Cancioneiro da Ajuda* e que representam, no seu conjunto, uma parte substancial desse volume. A extensa erudição de D. Carolina e o rigor que pôs no seu trabalho fazem dele uma fonte imprescindível, e mesmo, durante largos anos, praticamente a única fonte disponível sobre a vida dos trovadores e jograis. Em termos gerais, só a partir do início dos anos 1990 a situação conheceu um desenvolvimento significativo, muito particularmente com a publicação da tese de doutoramento de António Resende de Oliveira, *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A Estrutura dos Cancioneiros Peninsulares e as Recolhas dos Séculos XIII e XIV*⁵, trabalho que, entre outros méritos, incluía, nas suas páginas finais, uma preciosa resenha das biografias de todos os autores presentes nos cancioneiros, e na qual o autor não só fazia uma revisão crítica dos dados de D. Carolina, como avançava inúmeros dados novos relativos a um vasto conjunto de autores. A este e aos posteriores trabalhos de Resende de Oliveira sobre a matéria, estudos hoje em dia incontornáveis, vieram juntar-se, em anos mais recentes, um conjunto de novos trabalhos que, geralmente em diálogo com Resende de Oliveira, têm vindo a completar ou mesmo a alterar significativamente o que sabíamos sobre as biografias dos trovadores e dos jograis galego-portugueses. Entre esses trabalhos destaquei, pela sua pertinência e pelo seu carácter abrangente, os de Ron Fernández⁶, de Henrique Monteagudo⁷, de Vincenç Beltran⁸, e, exatamente, os de José António Souto Cabo, investigador que, há uns anos a esta parte, tem dedicado muito do seu tempo e do seu trabalho a esta matéria.

A análise particular deste livro centra-se, como se disse, num grupo de trovadores cuja obra é (ou era, nos casos em que se perdeu) transcrita no início dos apógrafos italianos, alguns deles de identificação duvidosa, outros cuja biografia nos era ainda genericamente desconhecida ou lacunar, e outros ainda de percurso mais conhecido, mas cujo contexto familiar se tenta igualmente clarificar. Partindo quase sempre de documentação inédita, temos assim analisados (por esta ordem e por vezes com alteração dos próprios nomes que tradicionalmente lhes eram atribuídos) os trovadores João Velaz, João Soares de Paiva, Osório Eanes, Airas Oares (e não Airas Soares), Pedro Pais Bazaco

(e não Bazoco), Fernando Pais de Tamalhancos, Airas Moniz de Asma, Diogo Moniz, João Soares Somesso, Rodrigo Dias de los Cameros, Garcia Mendes de Eixo, Pedro Rodrigues da Palmeira e D. Juião (e não D. Juliano). Embora de forma mais sucinta, são ainda mencionados os trovadores Fernão Rodrigues de Calheiros e Rui Gomes, o Freire.

Diz Souto Cabo, no Prólogo ao seu livro, que «a apresentação (seletiva) e a articulação da informação disponível suscitaram múltiplas dúvidas e dificuldades», e isto porque, mesmo correndo o risco de o volume dessa informação poder «parecer ocasionalmente excessivo», como reconhece, a opção seguida foi a de «deixar registado tudo aquilo que seja suscetível de aproveitamento presente ou futuro». Exigindo quase sempre do leitor uma atenção minuciosa para não se perder no emaranhado de laços de família ou de cargos e propriedades detidas por cada um, o certo é que essa opção foi também, do ponto de vista científico, a mais interessante. Os inúmeros dados recolhidos nos documentos inéditos apresentados (e em grande parte, transcritos em apêndice), preenchendo documentalmente uma parte das lacunas relacionadas com os trovadores mais antigos, constituem, ao mesmo tempo, um contributo valioso para a contextualização histórica e social do período inicial da lírica galego-portuguesa.

Deixando aos diferentes especialistas a análise mais detalhada desses documentos, impossível de efetuar num texto como este, de momento cabe realçar as grandes linhas gerais, factuais e interpretativas, que Souto Cabo nos propõe no seu trabalho. A primeira, e certamente a mais importante, é a revalorização da Galiza (ou das linhagens galegas) como espaço determinante no surgimento do fenómeno trovadoresco no Noroeste ibérico. Trata-se de um proposta que o leitor não-especialista talvez considere bastante natural, nem que seja atendendo à língua destes trovadores, mas cuja novidade só pode ser entendida no quadro do peso significativo que nos últimos anos tem vindo a adquirir uma anterior hipótese de Resende de Oliveira (seguido por João Carlos Miranda), segundo a qual as origens da lírica galego-portuguesa se deveriam procurar, não no Noroeste peninsular, mas sim no espaço castelhano-aragonês, tese que toma como base as pressupostas relações de João Soares de Paiva (o autor da célebre composição «*Ora faz host'o senhor de Navarra*»), sem dúvida um dos mais antigos textos presentes nos Cancioneiros) com o magnate Rodrigo Dias de los Cameros, igualmente trovador, mas cujas composições se perderam. Grande senhor cujos vastos domínios se situavam a sul de Navarra, e na zona de fronteira entre os reinos de Castela e Aragão, Rui (ou Rodrigo) Dias seria assim, segundo esta tese, a figura central, como mecenas e também autor, no estabelecimento do movimento trovadoresco galego-português, sendo exatamente no contexto da sua

casa que se deveria inserir a cantiga satírica do português João Soares de Paiva (dirigida, como se sabe, contra o rei de Navarra). A tese articulava-se ainda com a reconhecida importância, já postulada por D. Carolina Michaëlis, da corte leonesa nesta fase inicial do movimento, ao sublinhar as «umbilicais relações dos Cameros ao reino leonês e à Galiza, fermentadas pelo contacto direto com os meios trovadorescos occitânicos»⁹. Ainda segundo esta proposta, desse núcleo original castelhano-leonês, o trovadorismo teria em seguida feito uma inflexão para o Noroeste peninsular, nomeadamente para a Galiza, momento em que ao primitivo modelo occitânico da cantiga de amor se teria juntado o género autóctone da cantiga de amigo.

A partir dos dados agora recolhidos, Souto Cabo propõe-se, pois, contrariar esta tese, discordando quer dos seus pressupostos mais gerais e políticos, quer da sua base de apoio factual relacionada com as biografias dos primeiros «cavaleiros que fizeram as cantigas». Na verdade, ocupando a revisão destas biografias a parte mais significativa do seu estudo, os novos dados, e a sua interpretação, não deixam de ser enquadrados numa reavaliação mais geral do contexto político, social e cultural do designado reino leonês, assim resumida nas conclusões gerais (p. 221): «Na percepção da Galiza repercute-se, em boa medida, certa historiografia espanhola que concebia — e concebe — a vertebração histórica do atual Estado espanhol, no caso dos reinos centro-ocidentais, como sucessão de três núcleos institucionais: Astúrias → Leão → Castela. Sob este ponto de vista, a Galiza representa(va) um componente anómalo cuja existência era marginalizada e/ou neutralizada como parte indistinta desse 'reino de Leão', com o centro de gravidade político-cultural na cidade que lhe empresta o nome.» Para Souto Cabo, pelo contrário, os monarcas «leoneses» do século XII em cujas cortes se assiste ao nascimento do movimento trovadoresco (Afonso VII Raimundes, Fernando II, Afonso IX) são essencialmente monarcas galego-leoneses, ligados à Galiza por fortes laços políticos e pessoais, sobretudo através da influente linhagem dos Trava, em cuja casa todos eles foram criados. Nesta medida, o exemplo da «substituição do panteão real em Santo Isidoro de Leão pela Sé de Compostela, promulgada institucionalmente por Fernando II em 1180 [...] foi a culminação de um processo que fez da capital galega o epicentro, em especial, eclesiástico, mas também político e cultural, do reino galaico-leonês».

É, pois, neste enquadramento político-cultural mais amplo e onde o reino galego-leonês do século XII nos aparece fortemente ancorado na Galiza (e através dos Trava), que Souto Cabo interpreta os inúmeros dados novos relativos aos primeiros trovadores que a sua investigação lhe permitiu coligir. De uma forma ou de outra, esses dados parecem remeter, sem grande margem de dúvida, para a Galiza, e mesmo, numa

parte muito significativa, para a linhagem ou para a zona de influência dos Trava ou de linhagens afins, como os Velaz ou os Celanova. De resto, não é por acaso que o estudo se inicia por João Velaz, um trovador cuja obra se perdeu (a *Tavola Colocciana*, onde o seu nome aparece em quarto lugar, atribui-lhe uma cantiga): para Souto Cabo ele é a «peça-chave» que permitiria reconstituir o *puzzle* das origens, sendo, como propõe, o trovador mais antigo. Não era este o entendimento de Resende de Oliveira, o qual, face a dois homónimos que deteta, um pertencente à linhagem galega dos Velaz e outro à linhagem basco-burgalesa dos Velez de Guevara, se tinha acabado por fixar nesta última, mais concordante com a sua tese castelhano-leonesa antes resumida (e assim remetendo a biografia do trovador para o quadro cronológico de 1220-1240)¹⁰.

No primeiro e extenso capítulo do seu livro, Souto Cabo discute esta proposta de identificação, não tendo dúvidas em identificar agora o trovador com o galego João Velaz, cuja cronologia recua, pois, para meados e finais do século XII. Sendo impossível, neste breve texto, resumir todos os argumentos que sustentam esta identificação, diga-se apenas que nela joga um papel central o facto de este João Velaz, cuja linhagem paterna é Velaz-Trava, ser sobrinho (por via materna) do conde catalão Geraldo III Ponce, senhor de Cabrera, personagem cujas relações com o trovadorismo occitânico são múltiplas e conhecidas. D. Geraldo, para além de mecenas (e, nessa qualidade, várias vezes referido por trovadores provençais), pode mesmo ter sido também trovador, se é ele o Giraut de Cabrera, autor de uma importante composição conhecida como *Ensenhamen* (a dúvida reside apenas na cronologia, alguns especialistas atribuindo a composição a seu filho, Pôncio IV). Embora de origem catalã, como dissemos, a linhagem dos Cabrera fixa-se na corte leonesa a partir do avô do trovador, Pôncio II Geraldo, um dos dois magnates que acompanharam Berengária de Aragão aquando do seu casamento com Afonso VII Raimundes, em 1128. O espaço da corte galego-leonesa é também o da aliança matrimonial dos Cabrera com a linhagem que nela será mais influente, a dos Trava. Nascido talvez por volta de 1145-1155, e fruto dessas uniões múltiplas entre os Cabrera, os Trava e os Velaz, o galego João Velaz será, pois, não só o nosso trovador, mas também o trovador mais antigo de que temos notícia.

Para além do interesse dos dados biográficos novos e específicos apresentados, dois aspetos mais gerais relacionados com esses mesmos dados me parecem merecer destaque no trabalho de Souto Cabo. O primeiro prende-se com a real possibilidade, muito plausível, mas estranhamente nunca antes considerada, de terem os catalães desempenhado um importante papel na difusão da poesia occitânica nas cortes do Noroeste peninsular, e na posterior adaptação galego-portuguesa dos seus modelos. Com efeito, toda a pesquisa relativa aos primitivos con-

tactos de galego-portugueses ou mesmo de castelhanos com o lirismo provençal se tem centrado quase exclusivamente em torno das viagens ou estadias de trovadores extra-peninsulares nas cortes de Leão ou de Castela (Marcabru, Peire d'Alvernia, entre outros), ou nas eventuais viagens dos cavaleiros ibéricos para o exterior da Península. É esquecer que o lirismo occitânico teve, desde o início, um dos seus polos mais ativos e criativos no interior do próprio espaço peninsular, exatamente em Aragão e na Catalunha, regiões linguística, cultural e mesmo politicamente muito próximas da Provença e do Sudeste de França. Os dados agora coligidos por Souto Cabo, como os referentes ao senhor de Cabrera acima referidos (ou ainda às linhagens dos Minerva e dos Urgell, igualmente consideradas ao longo do livro), parecem ser a prova factual da importância dos trovadores catalano-provençais no alargamento do fenómeno trovadoresco peninsular. Trata-se, neste sentido, de uma investigação inovadora, cujo aprofundamento poderá eventualmente revelar-se muito produtivo, atendendo aos inúmeros laços políticos e mesmo matrimoniais das cortes de Aragão e da Catalunha com os restantes reinos ibéricos (incluindo com Portugal, bastando talvez referir aqui o exemplo da esposa de Sancho I, D. Dulce, irmã do monarca e grande trovador Afonso II de Aragão).

O segundo aspeto que será de realçar neste conjunto de dados não será tanto uma novidade como uma confirmação documental: a da importância dos laços de família no estabelecimento e desenvolvimento do fenómeno trovadoresco peninsular. Neste campo, e sendo certo que as ligações familiares são uma constante no conjunto da nobreza ibérica medieval e, muito em especial, ao longo do século XII, na nobreza a norte e a sul do rio Minho, os dados de Souto Cabo permitem centrar, de forma muito específica e documentada, o que designa como «a cerada teia de relações sociofamiliares que une o conjunto dos poetas considerados neste trabalho» (p. 235). Na verdade, parte da investigação de Souto Cabo consistiu em seguir a complexa teia de alianças matrimoniais e respetivas solidariedades familiares e territoriais que unem as diversas linhagens a que pertencem estes cavaleiros, investigação que lhe permite concluir pela grande proximidade familiar entre todos ou quase todos os protagonistas do núcleo mais antigo presente nos apógrafos italianos. Este facto parece especialmente visível no conjunto dos nove trovadores de cronologia imediatamente seguinte à de João Velaz, ou seja, aqueles cuja atividade poderemos situar em finais do século XII e primeiras décadas do século XIII (Osório Anes, Airas Oares, Fernando Rodrigues de Calheiros, Rui Gomes, o Freire, Fernando Pais de Tamalhancos, Pedro Pais Bazaco, Airas Moniz de Asma, Diogo Moniz e João Soares Somesso). Pertencentes a linhagens sediadas preferencialmente no Sul da Galiza, em terras mais ou menos próximas da

fronteira do Minho, torna-se visível que entre eles os nexos artísticos são inseparáveis dos laços familiares, e isto num contexto que parece remeter, em maior ou menos grau, para a linhagem galego-portuguesa dos Lima. É esta pelo menos a interpretação de Souto Cabo, que realça ainda a importância das mulheres nas trajetórias iniciais do trovadorismo: «O casamento de Teresa Bermudes (1153-1219) e de Urraca Fernandes (1165-1199), respetivamente, sobrinha e filha de Fernando Peres de Trava, com dois irmãos da estirpe dos Lima [Fernando Airas Batissela e João Airas da Nóvoa], fez com que essa linhagem se tivesse tornado um epicentro do movimento poético durante o reinado de Afonso IX, rei criado e instruído em casa de D.^a Urraca» (p. 234). A acrescentar a estes laços de família, o trabalho de Souto Cabo deteta ainda curiosas e importantes relações de vários destes autores com as Ordens Militares, assunto igualmente inovador, e que abre um campo que futuras investigações não deixarão certamente de explorar.

No final do seu estudo, Souto Cabo reconhece que qualquer hipótese explicativa sobre as origens da Lírica Galego-Portuguesa esbarra necessariamente na precariedade das fontes que nos transmitiram as cantigas, fontes muito particularmente fragmentárias no que diz respeito à fase inicial do movimento. Na verdade, não só nos faltam, por acidentes materiais, os próprios textos de autores chave como João Velaz ou Rodrigo Dias de los Cameros, como poderemos legitimamente pressupor que as poucas cantigas que chegaram até nós dos restantes autores desta cronologia serão apenas parte de uma produção decerto mais abundante (como o exemplo de D. Garcia Mendes d'Eixo, com uma única cantiga conhecida, parece indicar). A juntar a estas limitações, e tendo em conta que outras fontes (como algumas cantigas provençais) nos dão conta de nomes de trovadores ibéricos desta fase que não constam dos Cancioneiros, poder-nos-emos interrogar ainda sobre os critérios que teriam presidido à elaboração dos mais antigos segmentos da tradição manuscrita.

Se bem que laterais ao seu estudo, a estas questões responde Souto Cabo numa breve, mas muito interessante, nota final: «Concluimos, portanto, que se bem que foram todos os que estão, não estão todos os que foram. Por outro lado, é muito provável que, para além do filtro pessoal, também se tenha procedido a uma escolha literária a diversos níveis, o que explicaria a escassa presença da cantiga de amigo na secção aqui considerada» (p. 235, nota 51). Sem desenvolver o assunto, como dissemos, Souto Cabo não deixa, ainda assim, de aludir, nessa mesma página final, à complexa questão da tradição manuscrita galego-portuguesa, avançando mesmo com uma nova e concreta hipótese, a de que Gonçalo Eanes da Nóvoa (1182-1232), irmão do trovador Osório Eanes, e que foi, para além de comendador-mor e Mestre da

Ordem de Calatrava, personagem de grande relevância social no seu tempo, poderia eventualmente ter desempenhado um papel central nesta matéria. Cruzando as documentadas relações entre D. Gonçalo e os trovadores Fernão Rodrigues de Calheiros e Rui Gomes, o Freire, com as vizinhanças da obra destes dois autores nos apógrafos italianos, Souto Cabo conclui: «Visto que esta vizinhança dificilmente poderá ser atribuível ao acaso, cumpre concluir que o círculo (social ou familiar) próximo desse irmão de Osório Eanes esteve envolvido na configuração desse segmento, enquanto embrião da primeira coletânea poética da lírica galego-portuguesa.» É mesmo a última frase do livro (antes dos anexos). Pelo seu inegável interesse, resta-nos esperar que Souto Cabo, com novos dados, a ela nos faça regressar num futuro próximo.

Graça Videira Lopes

NOTAS

- * José António Souto Cabo, *Os Cavaleiros Que Fizeram as Cantigas. Aproximação às Origens Socioculturais da Lírica Galego-Portuguesa*, Niterói, Editora Universidade Federal Fluminense, 2012.
- ¹ Cantigas Medievais Galego-Portuguesas <<http://cantigas.fesh.unl.pt>> e Base de dados da Lírica Profana Galego-Portuguesa <<http://www.cirp.es/pls/bdo2/f?p=MEDDB2>>.
- ² Oskar Nobiling, *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade e Estudos Dispersos*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.
- ³ Henri Lang, *Cancioneiro d'El Rei Dom Denis e Estudos Dispersos*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.
- ⁴ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glosas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 2004.
- ⁵ Edições Colibri, Lisboa, 1994.
- ⁶ Ron Fernández, «Carolina Michaëlis e os trovadores representados no Cancioneiro da Ajuda», in AA.VV., *Carolina Michaëlis e o Cancioneiro da Ajuda, hoje*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2005.
- ⁷ Henrique Monteagudo, *Letras primeiras. O Foral de Caldelas, os primórdios da lírica trobadoresca e a emergência do galego escrito*, Corunha, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2008.
- ⁸ No que toca aos múltiplos trabalhos de Vincenç Beltran e também aos restantes trabalhos de Souto Cabo, consulte-se a página da Bibliografia incluída na base de dados Cantigas Medievais Galego-Portuguesas, antes indicada.
- ⁹ José Carlos Miranda, *Aurs Mesclatz ab Argen. Sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*, Porto, Edições Guarecer, 2004, p. 60.
- ¹⁰ António Resende de Oliveira, *O Trovador Galego-Português e o Seu Mundo*, Lisboa, Editorial Notícias, 2001, p. 158, 176-8.

SOBRE A EXISTÊNCIA DE FERNANDO PESSOA

Além da leitura de inéditos e da revisão de leituras correntes, em publicações que se sucedem a ritmo muito rápido, há sobretudo três contributos relevantes de Jerónimo Pizarro para a edição de Pessoa: a tentativa de definição de conjuntos, que funcionam como sinédoque do espólio pessoano, alternativos ou complementares aos conjuntos consagrados; o empenho na integração editorial de copiosos dados exogenéticos, visíveis em especial na biblioteca particular do poeta, tanto nas espécies conservadas como no que, não estando preservado na sua integridade, é passível de ser reconstruído; a inclusão de imagens de documentos nas edições, não a título ilustrativo, mas como parte integrante. O presente livro*, que reúne textos publicados entre 2004 e 2012, além de alguns inéditos, está sobretudo ligado à parte da actividade filológica de Jerónimo Pizarro desenvolvida na órbita dos volumes que preparou para a edição crítica de Fernando Pessoa com a chancela da Imprensa Nacional-Casa da Moeda¹. Entre eles, os que mais contribuíram para *Pessoa Existe?* são *Escritos sobre Génio e Loucura*, de 2006, e o *Livro do Desasociego*, de 2010. Apesar de algumas peças compiladas neste livro conterem marcas que poderiam indicar a origem oral de certos textos, apresentados inicialmente em congressos, o estilo escrito de Jerónimo Pizarro algo deve a uma matriz coloquial. Aliás, embora com tónicas diversas e diversos assuntos, os capítulos sucedem-se mais por variação do que por progressão, como se de uma conversa se tratasse. Nem a aparência de conversa se confunda com ligeireza, nem o facto de se tratar de uma compilação de trabalhos na origem dotados de autonomia leve o leitor a pensar estar perante uma colectânea avulsa destituída de tese. Há uma tese central e uma certa *gravitas* cordial no modo como a tese é apresentada. Bastaria este dado para fazer de *Pessoa Existe?* um acontecimento editorial, mas há mais.

Como pode suceder numa conversa, além de referências nominais a certos autores, surgem expressões que denunciam as vozes daqueles com quem Pizarro dialoga imaginariamente nestes textos. Um exemplo ocorre na p. 255, a propósito das dificuldades de atribuição autoral quando subsistem diferentes versões de um determinado texto de Pessoa: «O que resulta difícil de determinar num caso destes, em que temos um texto publicado em vida de Pessoa e uma cauda de cometa de textos preparatórios.» Pizarro recorre aqui ao vocabulário metafórico usado por Luiz Fagundes Duarte, em «Texto Acabado e Texto Virtual ou a Cauda do Cometa»². A par de outras vozes de reconhecimento mais ou menos viável, a que me parece fundamental para o entendimento da tese deste livro é a de Ivo Castro. A afirmação-chave, que é uma pergunta e que dá título a este volume, reproduz o título do capítulo 9, «Pessoa Existe?», e na p. 175 deste capítulo Pizarro faz